

mãe pai tiffy



INTRODUÇÃO

O facto de, em vez de intimação, eu escrever *intimassão*, pode sugerir que não tenho competências para escrever esta história. Mas todas as transcrições do tribunal estão à disposição do mundo, todas as notícias *online*. Esta não é a verdade derradeira, mas é a minha, contada o melhor que posso. Se a desejas através dos meus olhos e ouvidos, se queres saber como foi dentro do meu peito, como é esconder-me na casa de banho durante o julgamento, é isso que te proporciono. Ofereço-te o que posso, tu tiras o que precisares.

Em janeiro de 2015, tinha vinte e dois anos, trabalhava e vivia na minha terra natal, Palo Alto, na Califórnia. Fui a uma festa em Stanford. Fui abusada sexualmente lá fora, no chão. Dois transeuntes viram, travaram-no, salvaram-me. A minha antiga vida abandonou-me, e comecei uma nova. Foi-me atribuído um novo nome, para proteger a minha identidade: tornei-me Emily Doe.

Nesta história, vou chamar ao advogado de defesa, *a defesa*. Ao juiz, *o juiz*. Estão aqui para ilustrar os papéis que representaram. Não é uma acusação pessoal, não é um ataque, uma lista negra, um remoer. Acredito que somos todos seres multidimensionais e, no tribunal, pareceu-me danoso ser aplanada, caracterizada, tipificada e vilipendiada, portanto, não lhes farei o mesmo. Vou usar o nome do Brock, mas a verdade é que poderia ser Brad ou Brody ou Benson que não teria importância. A questão não é a sua relevância individual, mas a sua normalização, todas as pessoas que propiciam um sistema defeituoso.

É uma tentativa de transformar a dor cá dentro, de confrontar um passado e encontrar uma forma de incorporar e conviver com estas recordações. Quero deixá-las para trás, para poder seguir em frente. Não os nomeando, nomeio-me, por fim, a mim.

O meu nome é Chanel.

Sou uma vítima, não tenho problemas com a palavra, só com a ideia de não ser mais nada. No entanto, não sou *a vítima do Brock Turner*. Não sou nada dele. Não lhe pertença. Também sou meio chinesa. O meu nome chinês é Zhang Xiao Xia, que se traduz para *Pequeno Verão*. Chamaram-me verão porque:

Nasci em junho.

Xia também é a primeira dinastia chinesa.

Sou a filha mais velha.

«Xia» soa a «sha».

Chanel.

O FBI define violação como qualquer tipo de penetração. Mas, na Califórnia, violação é definida estritamente como ato sexual com penetração. Durante muito tempo, abster-me de chamar-lhe violador, com receio de ser corrigida. As definições legais são relevantes. A minha também é. Ele preencheu uma cavidade do meu corpo com as mãos. Creio que não fica absolvido do título apenas porque não teve tempo para mais.

O mais triste nestes casos, além dos crimes em si, são as coisas degradantes em que a vítima começa a acreditar acerca de si própria. A minha esperança é desfazer essas convicções. Digo *ela*, mas quer seja um homem, pessoa trans ou não-binária ou como quer que escolhas identificar-te e existir neste mundo, se a tua vida foi tocada pela violência sexual, procuro proteger-te. E àqueles que me ergueram da escuridão, dia após dia, espero dizer obrigada.

*Quando sabes o teu nome, deves agarrar-te a ele,
porque, a não ser que seja registado e lembrado,
morrerá contigo.*

— TONI MORRISON

*No início, era tão jovem e, de tal forma, uma estranha para mim
própria que mal existia. Tive de andar pelo mundo e vê-lo e ouvi-lo
e reagir a ele antes de saber de todo quem era, o que era,
o que desejava ser.*

— MARY OLIVER, *UPSTREAM*

... é nossa obrigação, ter importância.

— ALEXANDER CHEE

1.

Sou tímida. Numa peça na escola primária sobre um safári, todos os outros eram um animal. Eu era a relva. Nunca fiz uma pergunta num auditório grande. Encontram-me escondida no canto em qualquer aula que implique exercício físico. Peço desculpa quando me dão um encontrão. Aceito todos os panfletos que me estendem na rua. Sempre empurrei o meu carrinho das compras de volta para o seu ponto de origem. Se já não houver mais leite meio-gordo no balcão no café, bebo o meu café simples. Se dormir em casa de alguém, os cobertores vão ficar como se ninguém lhes tivesse tocado.

Nunca fiz uma festa de aniversário para mim própria. Visto três camisolas antes de pedir que liguem o aquecimento. Não me importo de perder em jogos de tabuleiro. Meto as moedas à toa na mala, para evitar atrasar a fila na caixa. Quando era pequena, queria ser mascote quando crescesse, para ter a liberdade de dançar sem ser vista.

Fui a única aluna da primária a ser eleita gestora de conflitos dois anos seguidos; a minha função era usar um colete verde em todos os intervalos e patrulhar o recreio. Se alguém tivesse uma disputa que não conseguia resolver, vinham ter comigo e eu ensinava-lhes as Mensagens-Eu, tais como *Eu sinto__ quando tu__*. Uma vez, uma menina do infan-tário dirigiu-se a mim e disse-me que toda a gente tinha direito a dez segundos no baloiço de pneu, mas quando ela se baloiçava, os miúdos contavam *um gato, dois gatos, três gatos*, e quando os rapazes se baloiçavam, contavam *um hipopótamo, dois hipopótamos*, vezes mais compridas.

Declarei que, desse dia em diante, todos contariam *um tigre, dois tigres*. Toda a vida contei em tigres.

Apresento-me aqui porque, na história que vou contar, começo sem nome e sem identidade. Sem traços de personalidade ou comportamentos atribuídos. Fui encontrada como um corpo seminu, sozinha e inconsciente. Sem carteira, nem identificação. A polícia foi chamada, um reitor de Stanford foi acordado para vir ver se me reconhecia, foram feitas perguntas às testemunhas; ninguém sabia a quem eu pertencia, de onde tinha vindo, quem era.

A minha memória conta-me o seguinte: no sábado, 17 de janeiro de 2015, vivia em casa dos meus pais, em Palo Alto. A minha irmã mais nova, Tiffany, aluna do terceiro ano na Cal Poly, tinha conduzido três horas pela costa para o fim de semana prolongado. Costumava passar o tempo em casa com amigas, mas, ocasionalmente, dedicava-me algum desse tempo. No final da tarde, fomos buscar a sua amiga Julia, uma aluna de Stanford, e conduzimos até à reserva de Arastradero para ver o sol derramar a sua gema sobre as colinas. O céu escureceu, parámos numa *taqueria*. Tivemos uma discussão animada sobre se havia mais gente a dobrar o papel higiénico em quadrados (eu) ou simplesmente a amachucá-lo (Tiffany). A Tiffany e a Julia mencionaram uma festa a que iam nessa noite na Kappa Alpha, no campus de Stanford. Não prestei grande atenção, ocupada a deitar salsa verde com uma concha num copinho de plástico.

Mais tarde, nessa noite, o meu pai fez brócolos com quinoa e nós fizemos uma careta quando ele a ofereceu como *cuii-nua*.

— É *qui-noua*, pai, como é que não sabes!

Comemos em pratos de papel para evitar lavar louça. Chegaram mais duas das amigas da Tiffany, a Colleen e a Trea, com uma garrafa de champanhe. O plano era encontrarem-se as três com a Julia em Stanford. Disseram, *Devias vir*. Eu disse, *Será que devia, seria engraçado se fosse*. Seria a mais velha por lá. Tomei um duche, a cantar. Vasculhei os montes de meias à procura de cuecas, encontrei um triângulo gasto de tecido às bolinhas, num canto. Pus um vestido antracite justo. Um colar prateado, pesado, com pedras vermelhas minúsculas. Um casaco de malha cor de aveia com grandes botões castanhos. Sentei-me no

tapete castanho, a atar os cordões das minhas botas da tropa cor de café, o cabelo ainda molhado num carrapito.

O nosso papel de parede da cozinha é às riscas azuis e amarelas. Um velho relógio e armários de madeira nas paredes, a moldura da porta marcada com as nossas alturas ao longo dos anos (com o pequeno símbolo de um sapato se tivéssemos sido medidas de sapatos calçados). Ao abrir e fechar as portas dos armários, só encontrámos *whiskey*; no frigorífico, as únicas coisas para misturar eram leite de soja e sumo de lima. Os únicos copos de *shot* que tínhamos eram de viagens em família, *Las Vegas*, *Maui*, quando a Tiffany e eu os colecionávamos como pequenos copos para os nossos animais de peluche. Bebi o *whiskey* puro, sem constrangimentos, livremente, da mesma forma como alguém poderia dizer, *Claro que vou ao bar mitzvah do teu primo, mas na condição de estar bêbedo*.

Pedimos à nossa mãe que nos levasse às quatro a Stanford, uma viagem de sete minutos de automóvel pela via rápida Foothill. Stanford era o meu quintal, a minha comunidade, um viveiro dos explicadores baratos que os meus pais contrataram ao longo dos anos. Cresci no campus, frequentei acampamentos de verão em tendas nos relvados, esgueirei-me de cantinas com *nuggets* de frango a incharem-me os bolsos, jantei com professores que eram bons amigos dos meus pais. A minha mãe deixou-nos perto da livraria de Stanford, onde, em dias chuvosos, nos comprara cacau quente e madalenas.

Caminhámos cinco minutos, descemos o passeio em declive para uma casa grande sob os pinheiros. Um tipo com vestígios escassos de bigode no lábio superior deixou-nos entrar. Descobri um dispensador de refrigerantes e sumo na cozinha da fraternidade, comecei a bater nos botões, para engendrar uma bebida não alcoólica que anunciei como sumo de esterco.

— A servir agora *le* suminho-de-cocó à senhora! A dar-lhe, a dar-lhe, todo o dia!

As pessoas começaram a chegar. As luzes apagaram-se.

Ficámos de pé por trás de uma mesa junto à porta da frente e, como um comité de boas-vindas, abrimos os braços e cantámos.

— Bem-vindos bem-vindos bem-vindos!!!

Observei a forma como as raparigas entravam, as cabeças encolhidas a meio caminho dos ombros, a sorrir timidamente, perscrutando a divisão à procura de um rosto familiar a quem se alaparem. Conhecia aquela expressão porque já me tinha sentido assim. Na universidade, uma fraternidade era um reino exclusivo, a pulsar de ruído e energia, onde os novos obedeciam e os grandes machos reinavam. Depois da universidade, uma fraternidade era uma atmosfera azeda, fermentada, com copos de papel fino espalhados, onde se podiam ouvir as solas dos sapatos a descolar do chão pegajoso e o ponche sabia a diluente e havia caracóis escuros colados aos rebordos da sanita. Descobrimos uma garrafa de plástico de quase dois litros de *vodka* na mesa. Aninhei-a nos braços como se tivesse descoberto água no deserto. Abençoada. Deitei a *vodka* num copo e bebi-a pura. Estavam todos esmagados uns contra os outros em mesas, a oscilar como pequenos pinguins. Eu fiquei sozinha de pé numa cadeira, de braços no ar, um pedaço embriagado de alga, até a minha irmã me fazer descer. Fomos lá fora fazer chichi nos arbustos. A Julia e eu começámos a fazer *rap* em estilo livre. Cantei *rap* acerca de pele seca, bloqueei quando não consegui pensar em nada que rimasse com *Cetaphil*.

A cave estava cheia, as pessoas a transbordar para o círculo de luz no pátio de cimento. Ficámos perto de uns tipos caucasianos baixos que usavam os bonés para trás, cuidadosos para não apanharem um escaldão nos pescoços dentro de casa, à noite. Dei um gole numa cerveja morna, disse que sabia a chichi e entreguei-a à minha irmã. Estava aborrecida, descontraída, bêbeda e extremamente cansada, a menos de dez minutos de casa. Tinha ultrapassado tudo o que estava à minha volta. E é aí que a minha memória se apaga, que o filme corta.

Até hoje, acredito que nada do que fiz nessa noite é importante, uma mão cheia de memórias descartáveis. Mas estes acontecimentos serão examinados de forma implacável, uma e outra e outra e outra vez. O que eu fiz, o que eu disse, será tudo escalpelizado, medido, calculado, apresentado ao público para ser avaliado. Tudo porque, algures nessa festa, estava ele.

Estava demasiada luz. Ao pestanejar, vi manchas secas de sangue nas costas das minhas mãos. O penso na minha mão direita já estava a ficar solto, o adesivo gasto. Perguntei-me há quanto tempo ali estava. Estava deitada numa cama estreita, com uma grade de proteção de plástico de cada lado, um berço para adultos. A parede era branca, o chão polido. Algo me comprimia muito o cotovelo esquerdo, fita adesiva branca demasiado apertada, a carne do meu braço protuberante em seu redor. Tentei meter o dedo por baixo, mas era demasiado grossa. Olhei para a esquerda. Dois homens estavam a olhar para mim. Um homem afro-americano mais velho, num casaco corta-vento de Stanford, um homem caucasiano num uniforme preto da polícia. Desfoquei a visão, eles tornaram-se um quadrado vermelho, quadrado preto, encostados à parede, braços atrás das costas, como se lá estivessem há um bocado. Fizeram a expressão que eu faço quando vejo uma pessoa idosa a descer umas escadas: tensa, antecipando uma queda a qualquer momento.

O agente perguntou-me se me sentia bem. Quando se debruçou sobre mim, os seus olhos não vacilaram, não se enrugaram num sorriso, ficaram apenas perfeitamente redondos e quietos, duas pequenas lagoas. Pensei, *Sim, não devia sentir?* Voltei a cabeça, à procura da minha irmã. O homem de corta-vento vermelho apresentou-se como um reitor de Stanford.

— Como se chama?

A sua atenção era perturbadora. Perguntei-me porque não o tinham perguntado à minha irmã, ela devia estar por ali nalgum lado.

— Não sou aluna, só estou de visita — disse. — Chamo-me Chanel.

Quanto tempo teria dormido? Devia ter ficado demasiado bêbeda, tropeçado para dentro do edifício mais próximo no campus, para dormir até me passar. Teria rastejado? Como é que tinha arranhado as mãos? Quem me remendara com uma porcaria de estojo de primeiros-socorros? Talvez estivessem um bocadinho irritados, outra miúda bêbeda de quem tinham de tomar conta. Era embaraçoso, na verdade, eu já não tinha idade para aquilo. De qualquer modo, ia livrá-los de mim, agradecer-lhes pela maca. Observei o corredor, perguntando-me que porta seria a saída.

Perguntaram-me se havia alguém a quem pudesse telefonar, para informar que eu estava ali. Ali, onde? Dei-lhes o número da minha irmã e vi o homem de corta-vento afastar-se para onde eu não conseguia ouvi-lo, levando a voz da minha irmã para outra divisão. Onde estava o meu telemóvel? Comecei a dar palmadinhas em meu redor, na esperança de atingir um retângulo duro. Nada. Ralhei comigo mesma por tê-lo perdido, teria de voltar atrás para ir à procura dele.

O agente voltou-se para mim.

— Está no hospital, e temos razões para achar que foi sexualmente abusada — disse ele.

Assenti lentamente. Que homem sério! Devia estar confuso. Não tinha falado com ninguém na festa. Precisava de ser vista pelos médicos? Não tinha idade suficiente para assinar a minha própria alta? Achei que alguém havia de entrar e dizer *Sr. agente*, ela já pode ir, e eu bateria uma continência e saía. Queria pão e queijo.

Senti uma pressão aguda nas entranhas, precisava de fazer chichi. Pedi para usar a casa de banho e ele solicitou que esperasse, porque podiam precisar de uma amostra de urina. *Porquê?*, pensei. Fiquei ali, quieta, a contrair a bexiga. Por fim, deram-me autorização. Quando me sentei, apercebi-me de que o meu vestido cinzento estava enroscado em torno da cintura. Tinha vestidas umas calças verde-menta. Perguntei-me onde fora arranjar as calças, quem atara os cordões num laço. Caminhei timidamente até à casa de banho, aliviada por me afastar do seu olhar. Fechei a porta.

Puxei as minhas novas calças para baixo, os olhos meio fechados, e ia puxar as cuecas. Os meus dedos roçaram nos lados das minhas coxas, a tocar a pele, sem apanhar nada. Estranho. Repeti o movimento. Espalmei as mãos nas ancas, como se as cuecas se fossem materializar, a esfregar e esfregar, até gerar calor, e depois as minhas mãos pararam. Não olhei para baixo, só fiquei ali, paralisada a meio de me agachar. Cruzei as mãos sobre o estômago, semidobrada nessa posição, em completa paralisia, incapaz de me sentar, incapaz de me levantar, as calças em redor dos tornozelos.

Sempre me perguntei porque é que os sobreviventes compreendiam tão bem os outros sobreviventes. Porque é que, mesmo que os detalhes

dos nossos ataques variem, os sobreviventes conseguem cruzar o olhar e compreender sem ser preciso explicar. Talvez não sejam os detalhes da agressão que temos em comum, mas o momento a seguir; a primeira vez que ficamos sozinhos. Algo a deslizar para fora de ti. Onde é que eu fui. O que me foi tirado. É terror, engolido dentro do silêncio. Um desligar do mundo em que para cima era para cima e para baixo era para baixo. Este momento não é dor, nem histeria, nem choro. São as tuas entranhas a transformarem-se em pedras frias. É confusão absoluta, combinada com o conhecimento. Vai-se o luxo de crescer devagar. Começa assim o brutal despertar.

Deixei-me cair sobre o assento. Algo me picava o pescoço. Toquei a nuca, senti texturas ásperas sob os nós de cabelo. Tinha estado brevemente lá fora, teriam as árvores largado folhas lá de cima? Tudo me parecia errado, mas, nas entranhas, sentia uma calma embrutecida. Um oceano quieto, escuro, vasto e sem ondas. O horror estava presente, conseguia senti-lo a mover-se, a mudar o meu interior, molhado e turvo e pesado, mas, à superfície, só vi um ligeiro ondular. O pânico chegaria como um peixe, quebrando por um instante a superfície, saltando no ar e depois voltando a entrar na água, a devolver tudo à quietude. Não conseguia conceber como é que me encontrava num quarto esterilizado, numa casa de banho, sem roupa interior, sozinha. Não ia perguntar ao agente se por acaso sabia onde estava a minha roupa interior, porque parte de mim compreendia que não estava pronta para ouvir a resposta.

Veio-me uma palavra à cabeça: *tesoura*. O agente tinha usado uma tesoura para me cortar a roupa interior, porque a roupa interior tem germes, tem germes vaginais de que precisam para testes, por precaução. Tinha visto isso na televisão, os paramédicos a cortar a roupa. Levantei-me, reparei em terra no chão. Alisei as calças, atando os cordões como orelhas de coelho. Hesitei na torneira, incerta de poder lavar o sangue. Por isso, mergulhei as pontas dos dedos no fluxo escasso, passando água nas palmas, para conservar as manchas escuras nas costas das mãos.

Regressei tão calma como antes, sorrindo educadamente, e voltei a subir para o meu berço. O reitor disse que a minha irmã fora informada da minha localização, estendeu-me o seu cartão de visita.

— Diga-me se precisar de alguma coisa.

Foi-se embora. Fiquei com o seu cartãozinho. O agente informou-me de que o edifício SART só estaria aberto de manhã. Não sabia o que era esse edifício, apenas compreendi que era suposto voltar a adormecer. Deitei-me de costas, mas a sensação era fria e estranha, nós os dois sob a iluminação austera. Estava grata por não estar sozinha, mas desejei que ele lesse um livro ou fosse à máquina de venda automática. Não conseguia dormir enquanto estivesse a ser observada.

Apareceu uma enfermeira, deitou-me um olhar e voltou-se de imediato para o agente.

— Porque é que ela não tem um cobertor?

O agente disse que me tinham dado calças.

— Bem, arranjem-lhe um cobertor! Porque é que ninguém lhe deu um cobertor? Está ali deitada sem cobertor!

Observei-a enquanto gesticulava desenfreadamente, a exigir mais, tão inflexível quanto ao meu conforto, sem receio de o exigir. Deixei as palavras repetirem-se na minha cabeça, *Alguém lhe arranje um cobertor*.

Voltei a fechar os olhos, desta vez aconchegando-me no calor. Estava pronta para sair deste sonho confuso, para acordar na minha própria cama, debaixo do meu edredão florido e lanterna de papel de arroz, a minha irmã a dormir no quarto ao lado do meu.

Fui sacudida com suavidade, abri os olhos para o mesmo brilho, os mesmos cobertores. Uma senhora de cabelos dourados estava de pé, numa bata branca, com outras duas mulheres atrás dela. Sorriam para mim como se fosse uma recém-nascida. O nome de uma das enfermeiras era Joy, *alegria*, e assumi isso como um sinal positivo do universo. Segui-as porta fora, para um pequeno parque de estacionamento. Sentia-me como uma rainha deselegante, o cobertor a arrastar atrás de mim como um manto de veludo, ladeada pelas minhas acompanhantes. Semicerrei os olhos para o céu, para tentar perceber que horas seriam. Já estava a nascer o dia? Entrámos num edifício térreo, vazio. Guiaram-me para um gabinete. Sentei-me na minha pilha de cobertores, num sofá, reparei nas lombadas de dossiers numa prateleira etiquetada SART. A marcador preto, por baixo, *Equipa de Resposta à Violência Sexual*.¹

¹ No original, SART corresponde a *Sexual Assault Response Team*, ou Equipa de Resposta a Agressões Sexuais. (N. da T.)

Então era isto que elas eram. Eu não passava de uma observadora, um par de olhos plantados dentro de um cadáver bege, com um ninho de cabelo de rato castanho. Nessa manhã, veria agulhas prateadas furarem-me a pele, cotonetes ensanguentados emergir do meio das minhas pernas, no entanto, nada suscitaria um encolher ou vacilar ou ofegar. Os meus sentidos tinham-se desligado, o meu corpo era um manequim sem nervos. Só compreendia que era nas senhoras de bata branca que devia confiar, por isso obedeci a todas as ordens, sorri-lhes quando sorriram para mim.

Uma pilha de papéis foi posta à minha frente. O meu braço surgiu debaixo dos cobertores para os assinar. Se me explicaram o que assinava, não percebi. Papéis e mais papéis, todos de cores diferentes, roxo-claro, amarelo, tangerina. Ninguém me explicou porque é que a minha roupa interior tinha desaparecido, porque é que as minhas mãos sangravam, porque é que o meu cabelo estava sujo, porque é que estava vestida com umas calças estranhas, mas as coisas pareciam avançar e calculei que, se continuasse a assinar e a assentir, sairia deste lugar limpa e recomposta. Pus o meu nome no fundo da página, um grande *C* curvo e dois altos para o *M*. Parei quando vi as palavras **Vítima de Violação** a negrito no cimo da página. Um peixe saltou da água. Parei. Não, não consinto em ser vítima de violação. Se assinasse na linha, transformar-me-ia numa? Se me recusasse a assinar, poderia permanecer o meu eu habitual?

As enfermeiras saíram para preparar a sala de exames. Uma rapariga apresentou-se como April, uma advogada da SART. Estava vestida com uma camisola com capuz e *leggings*, o cabelo parecia divertido de desenhar, um volume de canudos rabiscados num rabo de cavalo. Adorei o nome dela como adorei o da Joy; abril era um mês de chuviscos, a época em que os cipós-de-leite floresciam. Deu-me um grande bocado de papas de aveia com açúcar mascavado num copo de plástico, comi-o com uma frágil colher de plástico. Parecia mais nova do que eu, mas cuidou de mim como uma mãe, estava sempre a encorajar-me a beber água. Perguntei-me como teria acordado tão cedo a um domingo. Perguntei-me se este seria um dia normal para ela.

Estendeu-me uma pasta cor de laranja.

— Isto é para si.

Lá dentro, estavam molhos de fotocópias a preto e branco sobre PSPT², agrafos tortos, listas confusas de números de telefone. Um panfleto com a imagem de uma rapariga com um piercing na sobrancelha, tão angustiada, tão irritada. Em letras maiúsculas roxas dizia, NÃO ESTÁS SOZINHA. A CULPA NÃO É TUA! O que é que não é culpa minha? O que é que eu não fiz? Desdobrei a brochura, «Reações Posteriores». A primeira categoria dizia, *0 a 24 horas: dormência, cabeça leve, medos não identificados, choque*. Assenti, a semelhança era impressionante. A categoria seguinte dizia, *2 semanas a 6 meses: esquecimento, exaustão, culpa, pesadelos*. A última categoria dizia: *6 meses a 3 ou mais anos: isolamento, «gatilhos» de memória, ideação suicida, incapacidade para trabalhar, abuso de substâncias, dificuldades nos relacionamentos, solidão*. Quem teria escrito isto? Quem mapeara um futuro agourento neste pedaço de papel merdoso? O que era suposto fazer com esta cronologia de uma desconhecida quebrada?

— Quer usar o meu telefone para ligar à sua irmã? Pode dizer-lhe que vai estar pronta para a virem buscar daqui a umas horas.

A April estendeu-me o telefone. Tinha esperança de que a Tiffany ainda estivesse a dormir, mas ela atendeu de imediato. Conheço os seus choros; sei quando fez uma moosa no carro, ou não encontra nada para usar, ou se um cão morreu na televisão. Este choro soava diferente, como pássaros a bater as asas dentro de uma caixa de vidro, caos. O som fez com que todo o meu corpo ficasse rígido. A minha voz tornou-se neutra e leve. Senti-me a sorrir.

— Tiffy! — disse eu. Não conseguia perceber o que ela dizia. Isso só tornou a minha voz mais calma, para suavizar as coisas. — Mana, estão a dar-me pequeno-almoço de graça! Sim, estou bem! Não chores! Eles acham que aconteceu alguma coisa, não, ainda nem sabem se é verdade, é tudo por precaução, mas é melhor se eu ficar aqui mais um bocado, *okay*? Podes vir buscar-me daqui a umas duas horas? Estou no hospital de Stanford.

A residente bateu-me suavemente no ombro e sussurrou:

— San José. Está no centro médico do Vale de Santa Clara.

Olhei para ela sem compreender.

² Perturbação de *Stress* Pós-Traumático. (*N. da T.*)

— Oh, desculpa, estou num hospital em San José! — disse, pensando, *Estou a quarenta minutos de automóvel de casa, numa cidade diferente?* — Não te preocupes! Volto a ligar-te quando estiver pronta!

Perguntei à April se sabia como é que eu tinha vindo ali parar.

— De ambulância.

De repente, fiquei preocupada. Não tinha dinheiro para aquilo. Quanto custariam os exames? As agulhas de pinheiro continuavam a dar-me comichão no pescoço, como pequenas garras. Tirei um pequeno feto espinhoso e castanho. Uma enfermeira que passava ordenou-me gentilmente que não lhe mexesse, porque ainda precisavam de fotografar a minha cabeça. Voltei a pô-lo no sítio, como se metesse um gancho. A sala de exames estava pronta.

Levantei-me e reparei em minúsculas pinhas e agulhas de pinheiro espalhadas nas almofadas. De onde raio viriam? Quando me dobrei para apanhá-las, o meu cabelo tombou sobre o meu ombro, soltando mais sobre os mosaicos limpos. Pus-me de joelhos, debaixo dos cobertores, e comecei a juntar os pedacinhos numa pilha.

— Quer estes? — perguntei, levantando-os na palma da mão. — Posso deitá-los fora?

Disseram para não me preocupar com eles, que os deixasse. Voltei a pousá-los no sofá, envergonhada com a porcaria que estava a fazer, trilhos descuidados sobre o chão e mobília imaculados. A enfermeira confortou-me numa voz de embalo:

— São só a flora e a fauna, a flora e a fauna.

Duas enfermeiras conduziram-me para uma sala fria e cinzenta, com um grande espelho, iluminada pela manhã. Pediram-me que me despisse. Pareceu-me excessivo. Não percebia porque precisava de expor a pele, mas as minhas mãos começaram a remover a minha roupa antes de a minha cabeça aprovar o pedido. *Ouve-as*. Abriram um saco de papel branco e eu pus lá dentro o meu sutiã almofadado bege com as alças gastas. O meu vestido cinzento foi para outro saco, para nunca mais voltar a aparecer. Algo relacionado com procurar sémen. Depois de tirar tudo, fiquei de pé, nua, os mamilos a olhar para mim, incerta de onde pôr os braços, a desejar cruzá-los em frente do peito. Disseram-me para ficar quieta enquanto me fotografavam a cabeça

de diferentes ângulos. Para retratos, estava habituada a alisar o cabelo, com risco ao lado, mas tinha receio de tocar naquela trapalhada torta. Perguntei-me se era suposto sorrir, mostrar os dentes, para onde devia olhar. Queria fechar os olhos, como se isso pudesse esconder-me.

Uma enfermeira tirou uma régua de plástico azul do bolso. A outra levantou uma pesada câmara preta.

— Para medir e documentar as lesões — disse ela.

Senti as pontas dos dedos de látex a rastejar sobre a minha pele, a aresta aguçada da régua pressionada na lateral do meu pescoço, estômago, nádegas, coxas. Ouvi cada disparo, a lente preta de uma câmara a pairar sobre cada cabelo, pele de galinha, veia, poro. A pele sempre fora a minha mais profunda fonte de constrangimento, desde que começara a sofrer de erupções de eczema em criança. Mesmo quando a minha pele sarou, sempre a imaginei manchada e descolorida. Paralisei, ampliada sob a câmara. Mas, conforme elas se dobravam e andavam à minha volta, as suas vozes gentis ergueram-me para fora da minha mente. Cuidaram de mim como os passarinhos da Cinderela, as fitas métricas e laços nos bicos, esvoaçando em seu redor, tirando as medidas para o seu vestido.

Torci-me para ver o que fotografavam e tive um vislumbre de uma quadrícula vermelha no meu traseiro. O medo atravessou-me o olhar e voltei o rosto para a frente. Habitualmente, sou quem mais agride o meu corpo: *As tuas mamas são demasiado afastadas. Dois tristes saquinhos de chá. Os teus mamilos olham em direções diferentes, como olhos de iguana. Os teus joelhos são descoloridos, quase roxos. O teu estômago é mole. A tua cintura é demasiado larga e retangular. De que serve ter pernas compridas se não são esbeltas.* Mas, de pé, nua, sob a luz, essa voz evaporou-se.

Fixei os olhos nos meus enquanto elas prosseguiram, para cima, para baixo, em redor. Levantei a cabeça, alonguei o pescoço, fiz descair os ombros, deixei os braços relaxar. A luz da manhã fundiu-se na linha do meu pescoço, nas curvas das minhas orelhas, ao longo da minha clavícula, das minhas ancas, das barrigas das minhas pernas. *Olha para aquele corpo, a inclinação agradável dos teus seios, a forma do teu umbigo, as longas e belas pernas.* Eu era uma paleta de tons arenosos e mornos, um vaso luminoso nesta divisão de casacos branqueados e luvas azuis-esverdeadas.

Por fim, pudemos começar a limpar o meu cabelo. As três fizemos deslizar as agulhas de pinheiro uma a uma, colocando-as num saco branco. Sentia os puxões dos pedaços que ficavam presos, uma pontada aguda quando fios eram arrancados do meu couro cabeludo. A puxar e puxar até o saco estar cheio até cima com pauzinhos e cabelo.

— Deve chegar — disse ela.

Fez-se silêncio enquanto tirávamos o resto, descartando-o no chão para ser varrido. Soprei suavemente nos ombros, para dispersar a terra. Esforcei-me por desenredar uma agulha morta, com o formato de uma espinha de peixe, enquanto as enfermeiras me limpavam a nuca cheia de coágulos. Parecia nunca mais acabar. Se me tivessem dito para inclinar a cabeça, para a raparem, teria dobrado o pescoço sem fazer perguntas.

Foi-me dada uma bata frouxa de hospital e fui acompanhada a outra sala com o que parecia uma cadeira de dentista. Deitei-me com as pernas afastadas, os pés empoleirados em estribos. Por cima de mim, estava uma imagem de um barco à vela, pregado ao teto com pionés. Parecia ter sido arrancada de um calendário. Entretanto, as enfermeiras trouxeram um tabuleiro; nunca tinha visto tantos instrumentos de metal. Entre os picos dos meus joelhos vi as três, uma pequena cordilheira, uma sentada num banco com duas de pé atrás dela, a olharem fixamente para mim.

— Está tão calma — disseram.

Eu não sabia qual era o termo de comparação para a minha calma. Fitei o barquinho à vela por cima de mim, imaginando-o a flutuar algures fora daquele pequeno quarto, num lugar tão soalheiro e tão longe dali. Pensei, *Este pequeno veleiro tem uma tarefa gigante, tentar distrair-me*. Dois longos cotonetes de madeira foram enfiados no meu ânus. O barco à vela dava o seu melhor.

Passaram-se horas. Eu não gostava do metal gelado, das cabeças duras de algodão, dos comprimidos, das seringas, das minhas coxas abertas. Mas as vozes delas tranquilizavam-me, como se estivéssemos ali para pôr a conversa em dia, um copo com comprimidos rosa fluorescente como se fosse uma mimosa. Estavam sempre a estabelecer contacto visual, cada ato precedido de uma explicação, antes da inserção.

— Como se sente, estamos bem? Isto é um pincelzinho azul, vou só passá-lo sobre os lábios vaginais. Vai ser um nadinha frio. Cresceu por aqui? Tem planos para o Dia de São Valentim? — Sabia que me faziam perguntas para me distraírem. Sabia que a conversa de ocasião era um jogo que jogávamos todas, uma representação para a qual me iam dando deixas. Sob a conversa, as suas mãos moviam-se com urgência, o rebordo circular da lente a espreitar para a caverna entre as minhas pernas. Outra câmara microscópica serpenteou por dentro de mim, as paredes internas da minha vagina em exibição num ecrã.

Compreendi que as suas mãos enluvadas me impediam de cair num abismo. O que quer que rastejasse pelos corredores das minhas entranhas seria arrastado do meu interior pelos tornozelos. Eram uma potência, oferecendo-me uma barricada, fazendo-me rir, até. Não podiam desfazer o que fora feito, mas podiam registá-lo, fotografar todos os milímetros daquilo, selá-lo em sacos, forçar alguém a olhar. Nem uma única vez suspiraram, ou tiveram pena, ou me chamaram *coitadinha*. Não confundiram a minha submissão com fraqueza, por isso não senti necessidade de provar quem era, de lhes mostrar que era mais do que isto. Elas sabiam. A vergonha não conseguia respirar ali, seria enxotada. Por isso, deixei o corpo mole e entreguei-o nas suas mãos, enquanto a minha mente boiava no fluxo leve da conversa. Razão pela qual, quando olho para trás, para esta recordação com elas, o desconforto e o medo são secundários. A sensação principal é de aconchego.

Horas mais tarde, elas finalmente terminaram. A April guiou-me até uma grande arrecadação de jardim, contra uma parede. Todos os centímetros estavam atulhados de camisolas e calças de fato de treino, comprimidas umas contra as outras em pilhas, prontas e à espera de novos donos. *Para quem serão*, perguntei-me. Quantas de nós estivemos aqui e recebemos as nossas novas roupas, em conjunto com as pastas cheias de brochuras. Fora montado um sistema completo, sabendo que haveria incontáveis outras como eu: *Bem-vinda ao clube, aqui está o teu novo uniforme. Na tua pasta, encontras as orientações que esquematizam os passos do trauma e recuperação que podem levar uma vida inteira*. A residente sorriu e disse:

— Pode escolher a cor que quiser! — Como escolher coberturas para iogurte gelado. Escolhi uma camisola branca casca-de-ovo e calças de fato de treino azuis.

Só me faltava lavar-me. O detetive vinha a caminho. Fui levada de volta para a divisão cinzenta e fria, onde agora reparei no chuveiro de metal num canto. Agradei-lhes, fechei a porta. Pendurei a minha bata de hospital. Vasculhei num cesto desordenado de champôs de hotel doados, chá verde, sabonete para as mãos, sândalo de spa. Girei o manípulo. Pela primeira vez, fiquei completamente sozinha e nua, sem arrulhos e mãos ternas. Era silencioso, com exceção da água a bater no chão.

Ninguém dissera *violação*, a não ser aquele pedaço de papel. Fechei os olhos. Só conseguia ver a minha irmã sob um círculo de luz antes da minha memória se apagar. O que é que eu não estava a perceber? Olhei para baixo, estendi os lábios vaginais, vi que estavam escuros com a tinta, fiquei enjoada com a sua cor de vinho, de uma beringela. Diz-me o que aconteceu. Tinha ouvido as enfermeiras falar em *sífilis*, *gonorreia*, *gravidez*, *VIIH*, tinham-me dado a pílula do dia seguinte. Vi a água límpida correr sobre a minha pele, inútil; tudo o que precisava de limpar era interno. Olhei para baixo, para o meu corpo, um saco espesso, descolorido, e pensei, *Alguém que leve também isto, não posso ficar sozinha com isto*.

Queria bater com a cabeça contra a parede, para soltar a memória. Comecei a girar as tampas, deitando os champôs reluzentes sobre o peito. Deixei o cabelo cair sobre o rosto, queimeei a pele, de pé no meio dos frascos espalhados. Queria que a água me penetrasse nos poros, queimasse todas as células e as regenerasse. Queria inspirar todo o vapor, sufocar, ficar cega, evaporar. A água leitosa rodopiava em redor dos meus pés, correndo para uma grelha de metal enquanto eu esfregava o couro cabeludo. Senti-me culpada; a Califórnia estava ressequida, presa numa seca implacável. Pensei na minha casa, onde o meu pai mantinha baldes vermelhos sob todos os lavatórios, para levar as sobras da nossa água com sabão para as plantas. A água era um luxo, mas eu não me mexi, vendo litros e litros de água a escorrer para o ralo. *Desculpa, hoje tenho de tomar um duche longo*. Deviam ter-se passado quarenta minutos, mas ninguém me apressou.

Fechei a torneira. Fiquei de pé no vapor e no silêncio. As pontas dos meus dedos tinham-se convertido em arroios, murchos como ameixas. Esfreguei o vidro, para limpar a condensação. As minhas faces estavam rosadas. Penteei o cabelo molhado, passei os membros pela camisola de algodão, voltei a pendurar o colar no pescoço, centrando-o no peito. Atei as botas, o único outro item com que me tinham deixado ficar. Enfiei as calças de fato de treino azuis dentro delas, pensei melhor, tirei-as de dentro das botas, pondo-as por fora, melhor. Enquanto formava um carrapito com o cabelo, reparei numa etiqueta suspensa da manga. Nela, um minúsculo desenho de um estendal da roupa, *Grateful Garments*.

Todos os anos, a avó Ann (não era nossa parente de sangue, mas, mesmo assim, nossa avó) fazia chapéus de papel extravagantes, de materiais reciclados; a rede com peras, desenhos animados coloridos, plumas índigo, flores de origami. Vendia-os em feiras de rua e doava os lucros a organizações locais, incluindo a Grateful Garments, que fornecia roupa a sobreviventes de violência sexual. Se esta organização não existisse, eu teria saído do hospital vestida apenas com uma bata fina e botas. O que significava que as horas passadas a cortar e colar chapéus com fita-cola à mesa de jantar e a vendê-los numa pequena banca ao sol, me concedera esta gentil armadura. A avó Ann envolveu-me, disse-me que eu estava pronta.

Voltei para o gabinete e sentei-me com as mãos juntas entre os joelhos, à espera. O detetive apareceu à soleira da porta, cabelo bem cortado, óculos retangulares, um casaco preto, ombros largos e um crachá que dizia KIM; devia ser coreano americano. Ficou de pé à porta, com ar apologetico, como se esta fosse a minha casa e ele estivesse prestes a entrar com lama nas botas. Levantei-me para cumprimentá-lo. Confiava nele porque me parecia triste, tão triste que sorri, para lhe assegurar de que estava bem.

Ele pousou um caderno, um gravador preto retangular, informou-me de que tudo o que eu dissesse seria gravado.

— Claro — disse eu.

Ele sentou-se, a caneta a pairar sobre a página, as rodinhas da casete a girar. Não me senti ameaçada; a sua expressão dizia-me que estava ali para ouvir.

Fez-me falar do tipo de comida que o meu pai tinha servido, quanto comera, quantos *shots* bebera, com que intervalos, da marca do *whiskey*, porque é que tinha ido à festa, a hora de chegada, o número de pessoas na festa, que álcool se consumiu, se era um recipiente selado, onde e quando tinha urinado lá fora, a que horas voltara para dentro. Eu estava sempre a olhar para o teto, como se isso pudesse, de alguma forma, ajudar-me a pensar melhor. Não estava habituada a lembrar-me de coisas mundanas com tanta exatidão. Enquanto isso, ele escrevinhava, com pequenos acenos de cabeça, preenchendo o caderno, passando a página, passando a página, passando a página. Quando cheguei à parte sobre estar parada no pátio, vi-o escrever **ÚLTIMA COISA DE QUE SE LEMBRA**. A sua caneta fechou-se com um estalido. Ele olhou para mim, ainda estava em busca de alguma coisa. Íamos em direção a algo, e depois a estrada estava cortada. Eu não tinha aquilo de que ele precisava.

Segundo as transcrições, tudo o que ele disse nessa manhã foi que duas pessoas me tinham visto sem sentidos, os agentes tinham chegado, mas eu continuara inconsciente. Ele disse:

— Dada a natureza de... do local onde estava, e a sua condição, temos sempre... temos de considerar que houve a possibilidade de algum tipo de agressão sexual.

A natureza, a sua condição. Ele disse que quando a investigação terminasse, o nome e informações sobre o homem tornar-se-iam de domínio público.

— Também ainda não sabemos ao certo o que aconteceu — disse ele. — Temos esperança de que não tenha sido nada. Mas, na pior das hipóteses, temos de partir daí.

Eu só ouvi, *Temos esperança de que não tenha sido nada*.

CHANEL: Hum, sabe o local exato onde me encontraram?

AGENTE: *Okay*. Entre o sítio e a casa, há um pequeno espaço, hum, creio que é um contentor do lixo. Não dentro do contentor.

CHANEL: Pois, não.

AGENTE: Não, mas no espaço atrás.

Ele disse:

— Umas pessoas que estavam a passar viram-na lá e disseram, tipo, «Espera, aquilo não me parece bem.» E então pararam, hum, e viram alguém... e depois outra pessoa aproximou-se, viu-a. E chamou, chamou-nos... Hum, naturalmente, no início, hum, assumimos possível tratar-se de uma violação.

Não compreendi. Como é que eu tinha ido parar lá fora? O que não parecia bem? O detetive remexeu-se no lugar, e eu detetei-lhe uma ligeira hesitação quando ele disse:

— Você envolveu-se com alguém?

Estranhei a pergunta. Disse que não.

— Portanto, ninguém tinha autorização para lhe tocar em parte nenhuma.

A forma como parecia pesaroso, como se já soubesse a resposta. Senti o corpo a ficar rígido. Disse:

— Eles apanharam-no, tipo, tipo ontem à noite, certo? Estava a tentar fugir?

Ele disse:

— Por isso, agora só temos de certificar-nos de que é a pessoa certa, então, era esta pessoa que estava a fazer-lhe alguma coisa, ou a tentar fazer-lhe alguma coisa? Hum, mas havia alguém a agir de forma muito duvidosa ao pé de si.

Duvidosa.

— Estou a tentar ser cauteloso, ao dizer que esta pessoa é a pessoa. Segundo o código penal, podemos deter uma pessoa com base em causa provável, uma vez que violação é um delito grave, podemos prender uma pessoa com base em causa provável, na crença de que houve um delito grave. Mesmo que não tenha ocorrido.

Havia um subtexto de que algo grave tinha acontecido, mas todas as suas frases terminavam com um cenário alternativo em que eu fora deixada intocada. *Mesmo que não tenha ocorrido. Fazer ou tentar. Temos esperança de que não tenha sido nada. Duvidosa.* Tinha um pé em dois mundos diferentes; um em que nada me tinha acontecido, outro em que podia ter sido violada. Compreendi que ele estava a reter informação porque a investigação ainda estava a decorrer. Talvez também visse que o meu

cabelo estava a pingar e que eu tinha vestidas as roupas erradas. Talvez estivesse a pensar na minha irmã, que estava prestes a chegar.

O detetive Kim disse que amanhã talvez me lembrasse de mais, que me daria o seu cartão. Assenti, mas sabia que lhe dera tudo o que tinha. Ele disse que podia ir buscar o meu telemóvel mais tarde, à esquadra. Atrás dele, apareceu a minha irmã, recurvada, o rosto esgotado. A vítima em mim desapareceu quando assumi o papel de irmã mais velha. No final da gravação da minha entrevista, pode ouvir-se a sua chegada. Eu disse:

— Olá.

— Oh, meu deus.

— Olá.

— Oh, meu deus.

— Desculpa.

— Oh.

— Deixei-te preocupada.

— Não, tudo bem.

— Oh, desculpa.

— Não peças desculpa — disse ela.

Eu estava direita, imperturbável, era a adulta a mostrar-lhe que os estranhos nesta sala eram simpáticos, que podíamos falar com eles. A April estava a servir-lhe água, a puxar-lhe uma cadeira. A Tiffany não conseguia parar de chorar. Quando o detetive começou a interrogá-la, não tirei os olhos dela. Ela falou-lhe das mesmas bebidas, dos nomes de amigos, do ambiente da festa. Referiu que havia um rapaz louro que estava sempre a tentar encostar a cara à dela, a tocar-lhe nas ancas, a segui-la. Todas as suas amigas começaram a evitá-lo. Ela disse que achava esquisito o rapaz nunca dizer nada, limitar-se a fitá-la com uns olhos grandes enquanto se inclinava para ela. Disse que tinha começado a rir-se de desconforto e, em resultado disso, os seus dentes tinham chocado.

Disse que me tinha deixado por uns momentos, para cuidar de uma amiga maldisposta, pensando que eu ficaria bem sozinha. Quando regressara, a polícia estava a acabar com a festa. Perguntara o que se passava a dois estudantes que geriam as entradas, e eles tinham-lhe dito

que houvera uma queixa devido ao ruído. Ela questionara um polícia no parque de estacionamento, e ele dissera-lhe que não podia revelar. Ela assumira que eu me tinha ido embora para me encontrar com amigos na baixa, em Palo Alto. Ainda assim, andara por ali a indagar:

— Viram uma rapariga parecida comigo?

Ela e a Colleen tinham aberto todas as portas na fraternidade, furiosas e depois preocupadas, quando eu nunca mais atendia o telefone. Tinham gritado o meu nome para o meio das árvores enquanto eu era levada numa maca e desaparecia dentro do veículo branco.

— Uns alunos travaram-no — disse eu. — Fixe, não é.

Nessa manhã, percebi que alguns presentes tinham visto um homem a agir de forma peculiar, que o tinham perseguido. Não sabia se tinha havido contacto físico. Não sabia que este homem me tinha tocado por baixo das roupas, não fazia ideia de que qualquer das partes do meu corpo tivesse sido exposta. Disse a mim própria que a crise fora evitada, o mau da fita fora detido, e agora podíamos ir. O detetive agradeceu-nos. Iria passar pela esquadra da polícia de Stanford nesse fim de tarde para ir buscar o meu telemóvel. As senhoras de bata branca envolveram-me num abraço, um aperto forte, e depois soltaram-me.

O sol tinha nascido, refletindo-se com dureza nos poucos carros no parque de estacionamento.

— Não é uma loucura? É tipo a coisa mais louca que alguma vez me aconteceu. Meteram tanta coisa no meu pipi. Nem posso... tipo, olha para o que tenho vestido. Não é uma roupa fixe? — Desfilei com o meu cabelo alisado para trás, o fato de treino demasiado grande, pavoneando-me, uma voltinha no fim. A Tiffany ainda tinha lágrimas nos olhos, a respiração irregular, soluçava gargalhadas.

Sentámo-nos no carro, os olhos fixos numa vedação de arame, ela esperava que eu lhe dissesse para onde ir. Ainda estava visivelmente abalada. Eu não pensava sobre quem ele seria, ou em como me sentia, ou em onde iriam parar as fotografias. Todos os meus pensamentos se focavam nela, na minha irmãzinha, a quem era suposto eu ser capaz de fornecer as respostas.

Manter a calma em seu benefício era aquilo para que fora treinada. Certa vez, ela sentira-se enjoada num avião, inclinara-se para a frente,

e eu apanhara o seu vômito com as mãos antes que este lhe pudesse aterrar no colo. Quando a avó esfarelava queijo azul por cima das nossas saladas, a Tiffany apertava o nariz, e eu esperava que a minha avó virasse as costas antes de enfiar as suas folhas com queijo na boca. Depois de vermos o *E.T.*, ela dormiu na minha cama todas as noites nos sete anos seguintes, apavorada com aquele extraterrestre desidratado e o seu dedo enrugado. Quando as pessoas se beijavam nos filmes, eu segurava uma almofada em frente ao seu rosto.

É impróprio, não tens idade para isto, dizia-lhe.

Escrevi e reescrevi ensaios persuasivos, para convencer os nossos pais a comprarem-nos telemóveis Nokia. Em todas as festas de turma, embrulhava metade do meu *donut* ou biscoito de canela num guardanapo, para poder dar-lho no intervalo. Quando eu adorava cavalos, amarrei-a a uma cadeira com uma trela de cão, chamei-lhe Trinity, pus um tapete de banho nas costas dela como uma sela, penteei-lhe o cabelo e fi-la comer Cheerios da minha mão. Ainda me lembro de quando os meus pais a encontraram no seu «estábulo».

Se queres brincar, tens de ser tu o cavalo, disseram os meus pais.

Fazer sacrifícios por ela, protegê-la dos extraterrestres, comer o queijo azul. Eu compreendia que essa era a minha primeira e mais importante função.

Mas não estava pronta para ir para casa, para os meus pais. Precisava de tempo para pensar. A Tiffany e eu já tínhamos idade para ter a liberdade de ir e vir como quiséssemos; não voltar para casa significava que tínhamos ficado em casa de uma amiga, não era motivo para preocupação, o nosso bairro era seguro. Percebi que não podia contar-lhes que tinha acordado num hospital, coberta de vegetação, porque alguém estava a agir de forma duvidosa, e conseguir que aceitassem essa informação. *Mas está tudo bem*, diria eu. *Não está tudo bem*, diriam eles. O meu pai diria, *quem e onde e porquê e como*. A minha mãe far-me-ia deitar na cama e beber uma mistela aquecida com gengibre. Quando se conta aos pais, eles preocupam-se. Eu queria que tudo aquilo desaparecesse.

Estava convencida de que a polícia ia dizer-me que um homem tinha tentado fazer alguma coisa, mas não fora bem-sucedido, pedimos desculpa pelo incómodo. Na verdade, tinha tanta certeza de que era

tudo um erro que quando a minha irmã perguntou se íamos contar aos nossos pais, eu disse:

— Talvez daqui a uns anos.

Imaginei-me a referi-lo um dia, descontraidamente, numa conversa. *Sabiam que uma vez quase fui violada?* Eles diriam, *Oh, lamento muito, não sabíamos que isso tinha acontecido. Porque é que não nos contaste?* Eu diria, *Bem, foi há muito tempo, e acabou por, na verdade, não ser nada*, e acenaria com a mão e pedir-lhes-ia que me passassem o feijão-verde.

Sentada no parque de estacionamento, o único lugar onde me ocorreu ir foi ao In-N-Out. Eram dez da manhã, cedo para hambúrgueres, mas o In-N-Out era diferente. Ao crescer, tínhamos tratado o interior forrado a azulejos brancos como uma igreja. Era para onde gravitávamos quando uma de nós estava triste, ou a celebrar, ou de coração partido. Todo aquele sal e molho faziam-me sempre sentir melhor. Mas, quando chegámos, senti-me envergonhada das minhas roupas e pedi que passássemos antes no *drive-in*. Pedimos os nossos hambúrgueres e estacionámos para comer. Dei uma dentada, mas não senti o sabor do molho. Meti o hambúrguer na embalagem e pousei-a aos meus pés. Já matara tempo suficiente. Sabíamos que, por aquela altura, a casa já devia estar vazia, o pai a fazer os seus recados, a mãe com amigas, nas suas rotinas habituais de domingo.

O meu pai é um terapeuta reformado, que trabalhava seis dias por semana, doze horas por dia, a ouvir as pessoas. Todo o dinheiro que nos deu casa e comida veio de guiar pessoas através de histórias que nunca iremos ouvir. A minha mãe é escritora e escreveu quatro livros em chinês, o que significa que ainda não os consigo ler. Por muito abertos que os meus pais sejam, muito nas suas vidas é desconhecido para mim.

Depois de duas décadas a trabalhar numa clínica privada, o meu pai disse que já ouvira todos os cenários possíveis. Tendo crescido durante a Revolução Cultural na China rural, a minha mãe vira todas as atrocidades que era possível ver. Ambos compreendem que a vida é vasta e confusa, que nada é preto e branco e que, no fim das contas, até acordar de manhã é um milagre. Casaram-se no único centro cultural chinês no Kentucky, um par improvável e atraente.

Nenhuma da nossa mobília condiz. As nossas toalhas não são fofas e brancas, mas gastas, com imagens do Scooby-Doo. Quando temos convidados para o jantar, a Tiffany e eu escondemos todos os livros e bolas murchas e amostras de cremes, até estar tudo impecável. Tentamos imitar o brilho polido da casa dos nossos amigos. Mas, depois, é como se a casa pudesse desabotoar as calças, soltar a barriga, todos os seus objetos a derramar-se outra vez.

A minha casa é um lugar onde tudo cresce e todos os derramamentos são perdoados, onde toda a gente é bem-vinda a qualquer hora do dia. Na minha família, somos quatro planetas em órbita no mesmo pequeno universo. Se tivéssemos um *slogan*, seria, *Fica à vontade para fazeres o que quiseres*. A casa é o inconveniente. A casa é o aconchego. A casa é a proximidade, mantendo a independência. A casa é onde a escuridão não conseguia entrar. Eu estava determinada a não a deixar entrar.

Conforme voltámos para o acesso, o telefone da minha irmã tocou com uma chamada do detetive. Passou-mo.

— Quer apresentar queixa? — perguntou ele.

— O que é que isso significa? — questionei. Ele disse que não podia dizer-me muito sobre o processo, que era mais do departamento do procurador. Disse que o departamento já estava inclinado legalmente a apresentar queixa, mas dependia de mim se queria participar. Disse que seria mais fácil para eles se eu participasse, mas que não era obrigada. Perguntei se podia ter um minuto para decidir, disse que lhe ligava de volta.

Desliguei e virei-me para a minha irmã. Não tinha a quem perguntar, a Tiffany não fazia ideia.

Devia? Sim, certo? Talvez não deva. Mas eles vão fazê-lo de qualquer maneira, por isso mais vale apresentar queixa também, quer dizer, como é? Como posso? Fiquei sentada e olhei em volta, desconcertada. Provavelmente é suposto eu fazê-lo, certo? Se eles vão em frente.

Na altura, imaginei que fosse o equivalente a assinar uma petição, um pequeno carimbo de confirmação, dizendo que apoiava a decisão da polícia de seguir com este caso. Tinha medo de que, se disse que não, isso significasse que estava do lado do desconhecido. O tribunal ainda não me passara pela cabeça, não era mais do que um espetáculo

obsuro e dramático que acontecia na televisão. Além disso, o tipo já estava preso. Se ele afinal não tivesse feito nada, deixavam-no ir, caso contrário ficaria e cumpriria pena. Eles tinham todas as provas necessárias para o condenar. Aquilo era apenas uma formalidade. Liguei ao detetive.

— Hum, sim. Sim, vou apresentar queixa. Obrigada.

Não sabia que o dinheiro podia abrir as portas da cela. Não sabia que, se uma mulher estiver embriagada quando ocorre a violência, não será levada a sério. Não sabia que, se ele estiver embriagado quando ocorre a violência, as pessoas vão ter compaixão. Não sabia que a minha perda de memória tornar-se-ia na sua oportunidade. Não sabia que ser uma vítima era sinónimo de não acreditarem em mim.

Sentada no acesso, não sabia que este pequeno *sim* reabriria o meu corpo, que deixaria as feridas em carne viva, que me afastaria as pernas em público. Não fazia ideia nenhuma do que realmente significava uma audiência preliminar, de que nos seria instruído, a mim e à minha irmã, que deixássemos de falar uma com a outra porque a defesa nos acusaria de conspiração. A minha palavra de três letras dessa manhã destrancou um futuro, um em que eu faria vinte e três anos, e vinte e quatro, e vinte e cinco, e vinte e seis antes de o caso estar encerrado.

Percorri o corredor até ao meu quarto, disse à minha irmã que já saía. Tranquei a porta e tomei outro duche, para lavar de mim o hospital. Ela preparou o sofá-cama na sala de estar, ligou a televisão. Deitei-me a seu lado. Quando o fiz, o seu braço pousou sobre mim como um pisa-papéis, como se ela estivesse com receio que o vento me levasse. A televisão continuou ligada enquanto o sol da tarde se dissolvia pelas janelas da sala de estar, os nossos pais percorriam o corredor enquanto nós as duas íamos adormecendo e acordando. Tínhamos ido juntas para a festa e tínhamo-nos separado, e agora estávamos juntas outra vez, mas não éramos as mesmas.

Quando a noite caiu, emergimos e dissemos aos nossos pais que íamos comprar gelados. Arrependo-me disso, porque agora, quando compro gelado, a minha mãe lança-me um olhar e eu tenho de dizer, *Juro, gelado verdadeiro.*

Primeiro fomos buscar a Julia, que estava a estudar na biblioteca no campus. Ela e a Tiffany eram amigas desde que os seus dentinhos estavam recortados com aparelhos. A Julia andava sempre animada, mas, quando encostei, parecia abalada.

Quando olhei para ambas no meu carro, pesou-me que o meu secretismo se tivesse tornado delas. Compreendi que não era assim que devíamos estar a lidar com as coisas. Se a Tiffany alguma vez fosse parar ao hospital, eu ia querer que os meus pais soubessem. Mas aquela era uma posição estranha. Quando me perguntam, *Porque não contaste aos teus pais?*, eu pergunto, *Porque é que ninguém me contou a mim?* Precisava de manter a história sob o meu controlo até saber mais.

O parque de estacionamento estava sossegado, escuro. Já tinha passado por este edifício muitas vezes. Era pequeno, rodeado por um fosso de casca de carvalho e arbustos atarracados, traças a ricocheteiar nas luzes exteriores, linhas de fio branco iluminado. A porta zumbiu e deixaram-nos entrar nos corredores sombrios cobertos de boletins e panfletos em quadros de cortiça. O detetive Kim não estava. Em vez disso, fui apresentada a uma agente que usava um corta-vento; tinha pele morena e cabelo preto e fino, quase até à cintura. Segui-a até uma pequena divisão, onde um caderno e um gravador estavam pousados sobre a mesa, enquanto a Julia e a Tiffany esperavam numa sala ao fundo do corredor. Pensei que me fosse contar o que sucedera com o homem, que me fosse dar o meu telemóvel e me desejasse tudo de bom. Mas a porta estava fechada, os estores corridos. As perguntas começaram outra vez, pedindo-me para recordar todos os detalhes insignificantes da noite anterior, desta vez ainda com mais exatidão. A transcrição da nossa conversa viria a ter setenta e nove páginas. Parecia-me entediante e redundante e não conseguia compreender a relevância do que dizia, ou como isso viria a aplicar-se.

Uma batida na porta, outro agente, alto, num uniforme cor de bota, bigode espesso, cinto preto cheio de formas pretas. Parecia severo e cansado, disse que ficava contente por ver que eu estava bem. A forma como o disse fê-lo soar como um milagre, como se eu tivesse morrido e voltado à vida. Disse-me que um dos tipos que me tinham encontrado fizera pausas enquanto falava, para chorar e respirar fundo. O sargento

disse que ele também quase tinha chorado. *Homens adultos a chorar*, pensei eu. *Mas que raio se passou.*

A agente tirou o meu telemóvel de um envelope grande. A capa azul estava coberta de terra, um rebordo seco e castanho nas arestas, como se tivesse sido enterrado e depois desenterrado. Tinha dezenas de chamadas não atendidas e mensagens da Tiffany e da Julia, *Onde estás, estou assustada*. A agente pediu-me para lhe enviar por *e-mail* todas as fotos que tinha tirado nessa noite. Havia uma minha, com um copo vermelho na mão, os olhos vesgos de propósito. Porque não podia ter sorrido normalmente, só desta vez. Enviei-lhe as fotos e as capturas de ecrã de tudo, inconsciente de que seriam arquivadas como provas. Ela deu-me a oportunidade de fazer perguntas. De acordo com as transcrições, eu disse:

— Hum, eles disseram-me que me aconteceu alguma coisa. Não entendo bem o que queriam dizer. Ainda não... continuo a não compreender o que quer dizer.

Ela disse que ainda não tinha sido totalmente informada. Disse que eu tinha sido *encontrada por dois alunos de Stanford*, apenas isso. Por isso, perguntei-lhe porque é que o homem tinha fugido. Ela disse-me que era porque *alguma coisa não parecia bem*. Eu estava a tentar aproximar-me da cena do crime, avançando devagar em direção à agitação dos carros da polícia estacionados e da fita amarela. Mas, sempre que me aproximava um passo, ela punha-se à minha frente. Quando me movia para a direita, ela dava um passo para o lado. Inclina o pescoço para tentar ver o que escondiam, mas não adiantava, era zona proibida. Tinha de ficar atrás de uma linha invisível.

Uma coisa compreendi. Nas divisões onde entrava, o ar mudava. As expressões das pessoas ensombravam-se, falavam baixo. Aproximavam-se de mim de forma hesitante, como de um animal que não queriam assustar. Analisavam o meu rosto à procura de alguma coisa, e eu devolvia o olhar com uma expressão vazia. E todos diziam que estavam impressionados com o facto de eu estar tão bem. Ela disse:

— Tenho de dizer-lhe, está muito calma, está muito... É assim habitualmente?

Assenti, disse que quando a minha irmã mais nova estava presente, minimizava as minhas emoções. Mesmo assim, pareciam perplexos

com a minha serenidade; parecia que, dadas as circunstâncias, devia reagir de uma forma completamente diferente, e isso enervava-me.

Expliquei que ainda não tinha contado aos meus pais.

— É compreensível — disse ela. — Penso que está a tentar poupar os seus pais emocionalmente... até poder... digamos, compreender melhor o que aconteceu e ocorreu.

Foi muito gentil por ter validado os meus sentimentos, mas redirecionou todas as minhas perguntas.

Antes da entrevista ter terminado, deixei claras duas coisas:

1. Ninguém devia contactar com os meus pais até eu compreender o que se passara.
2. Não queria, jamais, voltar a ver ou estar em contacto com quem quer que aquele homem fosse.

Fui conduzida para uma sala de espera com troféus poeirentos, enquanto a Tiffany ia fazer o seu interrogatório. A agente digitou as seguintes anotações:

Um dos outros homens era um tipo silencioso, não falava. Colleen e Tiffany tinham achado que ele era esquisito, porque era agressivo. Tiffany descreveu-o como tendo entre um metro e oitenta e um metro e oitenta e três. Tinha cabelo louro com caracóis e olhos azuis. Parecia bem barbeado. Usava um boné de basebol virado para trás. Tinha calças, não calções. Não se lembrava de que tipo de camisa usava. Ela achou que se parecia com um dos seus amigos da universidade. O tipo agressivo estava a distribuir cervejas. E, a certa altura, tinha chegado ao pé de Tiffany e começado a dar-lhe beijos na bochecha. Depois, avançou para os lábios. Ela riu-se, com o choque. Colleen e Julia assistiram ao sucedido e também se riram. O rapaz foi-se embora. Algum tempo depois, enquanto Tiffany estava de frente para Colleen, o tipo agressivo voltou. Meteu-se entre ela e Colleen e tentou outra vez pôr-se aos beijos com Tiffany. Agarrou-a de frente, pela cintura, e beijou-a nos lábios. Ela disse-lhe que tinha de se ir embora e esgueirou-se dos seus braços.

Quando chegámos a casa, a Tiffany foi para dentro enquanto eu permaneci sentada no carro. Apercebi-me de que o meu namorado, o Lucas, devia estar a perguntar-se por que motivo eu não lhe dissera

nada o dia todo. Ele vivia em Filadélfia e estávamos juntos há uns meses. Atendeu ao primeiro toque.

— Fiquei preocupado contigo ontem à noite — disse ele. — Chegaste bem a casa?

Nem sequer me tinha apercebido de lhe ter ligado. Verifiquei os registos do meu telemóvel e encontrei o nome dele soterrado entre as minhas chamadas não atendidas. Ligara-lhe por volta da meia-noite, três da madrugada no seu fuso horário.

— Encontrei a Tiffany? — perguntou ele. — Tive receio de que acordasses num arbusto ou assim.

O meu estômago endureceu. Ele sabia? Como podia saber?

— Como assim? — questioneei.

Ele disse que, pelo fim da nossa conversa, eu já não falava inglês, que falava numa algaraviada. Sempre que havia uma pausa no meu discurso, ele gritava ao telefone para eu ir à procura da Tiffany, mas eu nunca respondia. Ele sabia que eu estava sozinha, incapacitada. Senti-me a afundar-me.

— Deixaste-me uma mensagem de voz — disse ele. — Soas acabada.

Eu disse:

— Não a apagues. Prometes que não a apagas?

— Está tudo bem? Pareces triste — disse ele. Concordei com a cabeça, como se ele pudesse ouvi-lo.

— Só tenho sono — respondi.

Fui para dentro, removi a capa suja do meu iPhone, mas não a lavei. Dobrei o fato de treino, enfi-o no fundo das minhas gavetas. Pus a pasta laranja sobre a prateleira, a pulseira do hospital cortada e metida lá dentro. Sentia um desejo estranho de guardar tudo, artefactos que provavam a existência desta realidade alternativa.

No dia seguinte, era Dia de Martin Luther King, o último dia do fim de semana prolongado. Antes de a Tiffany regressar de automóvel para a escola, queria mostrar-lhe que esta não era uma altura para nos desligarmos ou distanciarmos, tínhamos de estar perto do pai e da mãe. Propus que saíssemos para jantar. Ficamos de pé à espera que nos sentassem, junto a decorações de papel vermelho, uma taça de rebuçados de melão, um aquário cheio de peixes carrancudos. Pedimos um pato

à Pequim inteiro. Como sempre, a minha mãe fez-nos uma demonstração; como dispor a massa circular, espalhar uma porção de molho de ameixa, adicionar um pedaço estaladiço de pato carmesim, umas tirinhas de cebolinho e talos de pepino e embrulhar tudo.

— A mãe está a enrolar charros de pato. Mãe, mãe, olha, Erva de Quá-quá.

Depois do jantar, a minha irmã conduziu os cerca de trezentos e vinte quilómetros de regresso à escola, atravessando zonas de planície, Gilroy, Salinas, King City, de volta a San Luis Obispo. Disse que tinha medo de deixar-me sozinha.

— Porquê? — perguntei. — Isso é ridículo, eu vou ficar bem.

Na altura, foi muito simples; pus a recordação daquela manhã num grande frasco. Peguei nesse frasco e descí, descí, descí, lanços e lanços de escadas, colocando-o dentro de um armário, trancando-o e voltando a subir rapidamente as escadas, para continuar com a vida que tinha construído, a que não tinha nada que ver com ele ou com o que ele alguma vez podia fazer-me. O frasco fora-se.

Não sabia que às onze da noite anterior ele fora libertado sob uma fiança de 150 mil dólares. Menos de vinte e quatro horas depois de ter sido detido, ele já estava livre.